

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO  
A PESQUISA E A TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

TEREZA SILVA SANTOS SCORÇAFAVA

TRAJETÓRIA DE APRENDIZAGEM  
DA ESCOLA RURAL À UNIVERSIDADE  
PERCURSO PROFISSIONAL E A INCLUSÃO DE  
ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

CAMPINAS  
2009  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

TEREZA SILVA SANTOS SCORÇAFAVA

Trajetória de Aprendizagem

Da escola rural à Universidade

Percurso profissional e a inclusão de alunos com deficiência

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização A pesquisa e a tecnologia na formação docente do programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme Do Val Toledo Prado.

Campinas

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO  
A PESQUISA E A TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Autor: Tereza Silva Santos Scorçafava

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Do Val Toledo Prado

Este exemplar corresponde à  
redação final da Pesquisa de  
conclusão feita por Tereza  
Silva Santos Scorçafava.

Assinatura: .....  
Orientador

COMISSÃO JULGADORA:  
.....  
.....  
.....  
.....

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	FCC
	Scorçafava
V:	EX:
Tombo:	4821
PROC.:	134110
C:	D: x
PREÇO:	4,00
DATA:	05/05/10
CÓD TÍTULO:	477/31

© by Tereza Silva Santos Scorçafava, 2009.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Scorçafava, Tereza Silva Santos  
Scorçafava, Tereza Silva Santos  
Trajetória de aprendizagem da escola rural à universidade: percurso  
profissional e a inclusão de alunos com deficiência / Tereza Silva Santos  
Scorçafava. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.  
Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Inclusão. 4. Projetos. 5. Pesquisa. I.  
Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

09-360-BFE

Dedico esse trabalho a minha querida sobrinha Juliana Silva dos Santos por ser a pessoa mais nobre existente em minha vida.

## Agradecimento

Agradeço a Deus que está sempre presente em minha vida.

A minha família que representa meu alicerce e através deles consegui grandes conquistas e a realização dos meus sonhos, em especial a meu esposo Pedro José Scorçafava que com muito amor e luta compartilhou com esta caminhada.

A meus pais e dois casais de irmãos que fizeram parte da minha vida que encontrem muita luz em sua caminhada.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Guilherme Do Val Toledo Prado que com muito empenho acompanhou a finalização deste trabalho.

A todos os professores da Unicamp do Curso de Especialização A pesquisa e a tecnologia na formação docente pela dedicação e contribuição para que esse trabalho pudesse ser concluído.

A todos os professores que com dedicação e muito esforço conseguiram concluir esse curso.

Aos Professores e Funcionários da Escola Municipal de Ensino Fundamental Violeta Dória Lins que sempre compartilharam e contribuíram para o sucesso do meu trabalho em especial a professora Ana Maria Baraviera Gonzalez Agnani, Estela Mary de Oliveira Tribst e Valéria de Fátima Mosso Dario.

## Autorização

Autorizo a publicação e a disponibilização deste Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso na Biblioteca da Faculdade Estadual de Campinas, para consultas públicas e referências bibliográficas, para reproduções totais ou parciais que seja mantido a referência autoral "Tereza Silva Santos Scorçafava".

---

Tereza Silva Santos Scorçafava

Campinas, \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I - HISTÓRIA DE VIDA, APRENDIZAGEM E ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	4
1.1 Histórias de Vida .....	4
1.2 Histórias de Aprendizagem.....	7
1.3 Histórias de atuação Profissional com inclusão de alunos deficientes .....	13
CAPITULO II – INCLUSÃO.....	17
2.1 As experiências reais de Inclusão de dedicientes.....	19
2.2 Cursos de Formação – formas de aprimoramento do Ensino Inclusivo .....	25
CAPITULO III - Participação em projetos desenvolvidos na escola.....	28
Capítulo IV - Curso de Especialização .....	32
Considerações Finais.....	38
Referências Bibliográficas.....	39

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Diploma de participação no Concurso Dia da Ave .....	20
Figura 2 - Alunos lavando as frutas .....	35
Figura 3 - Preparação da salada de frutas.....	35
Figura 4 - Degustação da salada de frutas .....	35
Figura 5 - Propaganda da peça teatral .....	36
Figura 6 - Ex-aluno N após apresentação da peça Love... Love... Love .....	36
Figura 7 - Aluno M se alimentando .....	39
Figura 8 - Integração do M com a classe.....	39
Figura 9 - Aluno deitado no chão da classe .....	40
Figura 10 - Cores usadas na Comunicação Alternativa .....	40
Figura 11 - Prancha frasal de Comunicação Alternativa .....	41
Figura 12 - Alunos aprendendo em dupla com a professora.....	41
Figura 13 - Trabalhos realizados pelos alunos .....	46
Figura 14 - Exposição na biblioteca “Semana do Índio” .....	46
Figura 15 - Gráfico da Participação dos Pais nas Palestras.....	48
Figura 16 - Alunos assinalando dados sobre Maurício de Sousa.....	52
Figura 17 - Aluno mostrando trabalho realizado .....	52
Figura 18 - Alunos visitando a VI Feira Científica .....	55
Figura 19 - Visita e aprendizagem em outro Stand da VI Feira Científica .....	55

## Resumo

O presente trabalho narra através da pesquisa histórica minha historia de vida, aprendizagem e atuação profissional tendo como referencia a sala de aula enfocando minha experiência com a inclusão de alunos com deficiência em classe regular de ensino. Mostro meu desenvolvimento profissional em classes de alfabetização desde uma proposta tradicional ate a alfabetização numa perspectiva de letramento.

O trabalho de pesquisa com alunos nos anos iniciais do ensino fundamental e sua importância na produção de conhecimento e aprendizagem das crianças.

Procuro demonstrar um contexto de organização escolar envolvendo aspectos físicos, legais, humanos e pedagógicos propícios e condizentes para ocorrer a inclusão de todos.

Palavras chaves: alfabetização, inclusão e pesquisa.

## INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa histórica que pretende narrar minha aprendizagem iniciada em uma escola da zona rural até o Curso de Especialização, além de demonstrar todo meu trabalho profissional de professora na Rede Municipal de Campinas apresentando algumas experiências reais de trabalho com alunos com necessidades especiais e sua inclusão em classes regulares dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Segundo MEGID: Pesquisa Histórica – Investigações sobre o passado próximo ou remoto, em que se registram e narram fatos ou circunstâncias e as articulações entre eles, buscando explicações para os mesmos. Podem se referir a um indivíduo, um grupo, um movimento, uma idéia ou uma instituição, contudo, como esses elementos estão sempre inter-relacionados, não podem ser considerados de forma isolada. Nesse sentido, nenhuma pessoa pode ser alvo de uma investigação histórica, por exemplo, sem uma consideração de sua contribuição às idéias, movimentos ou instituições de uma particular época ou lugar. Neste tipo de pesquisa, as principais fontes de informação provêm de pessoas que viveram as situações estudadas e de documentos, quando se trata de eventos razoavelmente recentes, ou de documentos, de locais e de objetos, quando se trata de eventos muito remotos. (2001, p.5).

Trata-se de uma pesquisa ação em que sou professora e atuo como pesquisadora. Meu campo de trabalho é a sala de aula com a existência de alunos que possuem necessidades especiais e sua inclusão na fase inicial de alfabetização. A partir desse contexto procuro neste momento compartilhar minha prática dentro de um referencial teórico.

Entende-se que para que a Inclusão seja um processo constante, diário e comum na vida profissional de cada professor e aluno torna-se necessário haver mudanças dentro do processo educacional como um todo.

Levando em consideração a lentidão das mudanças na área da Educação Pública torna-se necessário através da relação professor aluno no momento da execução do trabalho diário, um olhar por parte do professor objetivando a busca de novos conhecimentos e estratégias no intuito de que essas possam melhorar seu dia a dia na escola.

No ensino, rever práticas pedagógicas mesmo em nível pessoal demanda um tempo para acontecer, pois além da lentidão nas mudanças, despertam conflitos sociais, culturais e políticos.

As mudanças dependem de uma boa gestão institucional com diretrizes claras e com possibilidades de realizações concretas, requer profissionais dispostos, capacitados e formados. Outro fator que deve ser levado em consideração na dificuldade de implementação de mudanças é o aspecto pessoal de cada profissional. Fatores de personalidade como criatividade, auto-motivação, iniciativa, a maneira com que enxergam o mundo, suas tradições, culturas e entre outros, como por exemplo, pessoas proativas estão prontas e dispostas para fazer mudanças, até mesmo antes de serem solicitadas institucionalmente.

Quando iniciei meu trabalho em sala de aula estava despreparada, pois conhecia a pedagogia apenas no seu teor teórico, então fiz uma retomada de meus primeiros anos de escolaridade e passei a ministrar minhas aulas baseando-me ao tempo em que fui alfabetizada na escola rural, cujo modelo tradicional tinha como recurso pedagógico principal a cartilha. Após isso, realizando cursos de formação e efetuando leitura na área de alfabetização foi possível mudar esta prática usando outros gêneros textuais.

Segundo BAKCHTIN: Gênero Textual são vistos como formas culturais e cognitivas de ação social da linguagem e revelam-se sensíveis à realidade histórica e às diversas formas de comunicação existentes. Os gêneros sempre se realizam mediante textos e não como elementos estanques. Por isso mesmo, o texto (oral e escrito) é percebido como um processo, um uso coletivo da língua, e não como um produto, formado a partir de um conjunto de frases isoladas. (1997 p. 227)

Existe um enorme desafio no trabalho diário de um professor quando recebemos um aluno com necessidades especiais devido à ausência de informação, conhecimento e método para atuar em sala de aula.

Quando se trata de educação, a diversidade faz parte do ser humano.

Segundo LIMA: A diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Seres humanos apresentam, ainda, diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas (as chamadas de "portadores de necessidades especiais"). Como toda forma de diversidade é hoje recebida pela escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universalidade. (2006, p. 17).

## CAPÍTULO I - HISTÓRIA DE VIDA, APRENDIZAGEM E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Neste capítulo serão abordados momentos da minha vida familiar incluindo a história da minha aprendizagem até a universidade e iniciando minha vida profissional com ensino de jovens e adultos e os primeiro caso de inclusão de alunos com deficiência.

### ***1.1 Histórias de Vida***

Conversando com minha mãe sobre meu nascimento ela me disse que foi um parto muito feliz, tranquilo, sem complicações e que tinha ao seu lado uma parteira muito experiente. Nasci exatamente às cinco horas da manhã do dia 18 de fevereiro de 1959, no Sítio Morro Azul, cidade de Pompéia, Estado de São Paulo.

Morando em sítios ou fazendas, minha mãe não conhecia métodos contraceptivos e a cada dois anos tinha uma nova criança em casa. Dentre os doze fui à oitava filha, sendo que deste total de quatro meninos e seis meninas houve um casal não conheci, pois morreram antes do meu nascimento. Esse casal foi gerado em épocas diferentes. Nós morávamos na zona rural e o parto era feito por parteira e quando a menina nasceu já tinha passado o tempo adequado para o parto e ela não sobreviveu, o menino permaneceu vivo durante sete meses e foi vítima de meningite.

Relembrando e analisando agora os momentos dos nascimentos dos meus irmãos e irmãs percebo o quanto minha mãe era discreta. Nos momentos em que antecedia os partos, ela nos isolava em quartos ou no quintal da nossa casa enquanto a parteira a auxiliava até o nascimento. Nós só tínhamos conhecimento do que tinha ocorrido quando ela já estava com a criança nos braços e de banho tomado. Após o nascimento sempre tinha um período de dieta com alimentação e cuidados especiais.

As famílias dos meios rurais eram bem conservadoras e não davam nenhuma orientação sexual aos filhos. Minha mãe só conseguiu evitar filhos depois que veio morar na cidade, se continuasse no sítio eu nem sei quantos irmãos ainda teria. Em seus períodos de gravidez como uma boa baiana ela sempre fazia rendas, me

lembro de uma almofada redonda com vários bilros que entrelaçavam nos fios de linhas e saia a renda, mas era preciso muita delicadeza para que ficasse perfeita já que a confecção tinha alguns segredinhos que não aprendi nesta época porque ainda era muita criança.

Outra boa lembrança dos seus períodos de gravidez era que ela fazia para nós bonecas de pano com enchimento de algodão, cabelos feitos de linha preta, olhos e boca com bordados. Aproveitava retalhos de tecidos e confeccionava conosco as roupas das nossas bonecas, com isso considerávamos como sendo uma brincadeira. Além das bonecas de pano tínhamos brincadeiras com espigas de milho que se transformavam em bonecas também. As brincadeiras da minha infância sempre foram bem familiares e no contexto de natureza, não tinha brinquedos sofisticados e nem meios de comunicação.

Recordo-me de um dia que estávamos brincando de pique onde costumávamos nos esconder dentro de casa, em que minha mãe havia dado uma tarefa doméstica para minha irmã e esta continuou na brincadeira sem dar importância ao que mamãe havia solicitado de repente essa minha irmã estava correndo para fugir das palmadas da minha mãe e eu, confundindo a situação e pensando que ela estava para me pegar, pulei a janela em cima de um jiral "suporte de madeira inclinado utilizado como apoio de uma bacia para lavar louça", por ser escorregadio caí no chão batendo a cabeça e como resultado uma bela marca na testa.

Numa infância na zona rural acontecem episódios engraçados, certo dia, nas proximidades de minha casa, apareceu um tatu bem na época da semana santa, período no qual nós não comíamos carne por motivos religiosos. Resolvemos que iríamos aprisioná-lo em uma caixa sem fundo e deixa-lo escondido no porão da nossa casa, é lógico que essa idéia foi das minhas irmãs e assim o fizeram. No dia seguinte acordamos bem cedo e na ansiedade de encontrar o tatu, fomos surpreendidos com a caixa vazia, ao contar o que tinha acontecido para meu pai que ria demasiadamente, com sabedoria ele explicou: "É evidente que o tatu iria embora, vocês não sabem que ele cava buracos? Espertalhões! ! Hahahahaha"

Lá no sítio onde morávamos, as festas tinham significado, lembro-me das festas juninas que eram bem religiosas e reuniam toda a vizinhança em volta da

fogueira, com comidas típicas, acontecia também a celebração de terços em que era erguido o mastro da bandeira com imagens dos santos do mês, Santo Antônio, São João e São Pedro e concomitantemente, o agradecimento da colheita daquele período.

Um ano no qual meu pai plantou amendoim e feijão foi muito triste devido a um período de muita seca, ele não conseguiu colher nada, restaram muitas dívidas bancárias, porém, superamos na safra seguinte com muito incentivo e boas palavras pronunciadas pelos irmãos, fé religiosa de minha mãe e insistência do meu pai, que mudou a lavoura para plantação de batatas e feijão.

No ano seguinte, logo após a plantação, estava ocorrendo á mesma coisa que na safra anterior, a chuva não vinha e meu pai dizia: "Amanhã irei arrancar tudo e nem sei mesmo o que farei da vida", novamente surge uma grande mulher (minha mãe) que não permite que ele faça. Passados alguns dias veio uma maravilhosa chuva e na dosagem certa para as plantas e as mesmas brotaram, produzindo uma farta colheita que possibilitou a quitação das dívidas bancárias, parecia um grande milagre em nossas vidas.

Com todos estes acontecimentos, meus irmãos já adultos e bem cansados das rotinas na roça e cuidando de lavouras todos os dias, olhando para o futuro concluíram que teriam poucas chances de transformação em suas vidas se ali permanecessem, reuniram-se com meu pai e num dialogo, pediram que ele procurasse um lugar para morar, no qual pudessem vislumbrar novos horizontes.

Meu pai escolheu Campinas como residência no final da década de 60. Tão logo chegaram nessa cidade grande todos já conseguiram empregos em indústrias, retomaram os estudos que tinham parado quando completaram o quarto ano primário nas escolas rurais quando tinham dez anos.

Meu pai era homem de cabelos ruins (encaracolados e duros), pele clara, olhos azuis e naturalmente sangue baiano, sem ser alfabetizado, mas como qualquer pessoa letrada nos dias atuais conseguia resolver seus problemas e criar seus filhos não apelando aos programas sociais, mas com luta, raça, dignidade e dando bons exemplos.

Dava muita importância à educação, apesar de não ter tido essa oportunidade, inclusive usava a expressão: "Quem não sabe ler é um coitado", por

isso sempre incentiva e do seu jeito acompanhava nossos estudos, exigia, mas também deixava que cada um pudesse fazer suas escolhas.

Nesta casa não tinha livros e nem meios de comunicação sofisticados, mas existia o diálogo que era voltado aquele cotidiano vivenciado por nós e algumas retomadas de suas histórias de vida.

Atualmente na qualidade de alfabetizadora observo o quanto eram importantes esses momentos de diálogos, vivenciados em casa e na escola quando as professoras da época levavam para sala de aula alegria, leitura e dramatizações. Essa emoção vivenciada justifica-se porque nesse tempo não existiam os meios de comunicação tão fortes e apelativos como há atualmente.

Meu pai e minha mãe não estão mais nesse mundo, mas deixaram a coragem e a vontade de lutar sempre por uma Educação melhor é o que todos os mestres fazem quando assumem uma sala de aula, pois são grandes formadores de seres humanos.

## **1.2 Histórias de Aprendizagem**

Neste momento irei narrar toda a minha trajetória de aprendizagem iniciando pela alfabetização até a conclusão Universitária.

### **1.2.1 Alfabetização Inicial**

Minha alfabetização escolar teve início em uma escola pública rural da cidade de Pompéia, no estado de São Paulo, no ano de 1966 quando completei 07 anos. No meu primeiro ano escolar havia duas professoras na escola, uma que dava aulas para os primeiros e segundos anos e outra para os terceiros e quartos anos.

Na frente da escola na Vila Olinda tinha uma estrada de terra que circulava um ônibus até a Vila Queiroz de manhã e retornava à tarde sendo este o meio de transporte para minha professora, como eu morava em uma fazenda perto da escola ia a pé.

Minha professora era muito brava e exigente. Ela não aceitava que nosso caderno tivesse sujeira ou rabiscos, as letras tinham que ser pedagógicas e manuscritas, na sala de aula imperava o silêncio, nós sentíamos medo e não

conversávamos. A classe era composta mais ou menos de vinte alunos e nós sentávamos em duplas nas carteiras de madeira e ferro pregadas no chão.

Minha dificuldade nesse primeiro ano do curso primário foi fazer o traçado da vogal o que achava muito difícil, mas desafiante. Quando chegava da escola queria imediatamente fazer a lição de casa e sempre solicitava ajuda de minha irmã. Nessa época ela assistia novela de rádio "O Direito de Nascer" e ficava muito brava quando eu solicitava sua ajuda.

Minha alfabetização foi feita com a cartilha Caminho Suave da autora Branca Alves de Lima e sua primeira edição foi lançada no ano de 1949. Nesta época houve um crescimento das edições de cartilhas com títulos sugerindo uma preocupação com os métodos dando ênfase a leitura sem muito apelo à escrita o que parece indicar uma forma desgarrada de conceber os processos (leitura e escrita) visando mais o consumo.

Segundo BARTHES: Trata-se de um problema de civilização: mas para mim, a minha convicção profunda e constante é de que nunca será possível libertar a leitura se, num mesmo movimento, não libertarmos a escrita. (1987, p 36)

Após ter sido alfabetizada com cartilha veio outra professora que morava na cidade e vinha de ônibus dar aulas na mesma escola rural. Gostava muito dela porque em suas aulas havia brincadeiras de roda e folclóricas, uso de fantoches em dramatizações, aula de religião e ela sempre lia histórias, contos, poesias e fábulas. De todas as leituras que essa professora fez nunca me esqueci a fábula da jabuticabeira e da aboboreira. Essa fábula dizia assim: Certo dia um lavrador muito cansado resolveu se deitar e repousar debaixo de uma jabuticabeira e enquanto o sono não vinha começou admirar a beleza da natureza. Em local próximo de onde estava havia uma plantação de aboboreiras e ele fez uma comparação desta com a jabuticabeira: "Como pode uma árvore tão grande dar frutos tão pequenos e uma planta pequena frutos grandes?" Logo o sono veio e por algumas horas ele repousou bem sossegado. De repente acordou com uma jabuticaba que caia bem em cima de seu nariz. Ele levou um enorme susto e retomou seu pensamento. Ah! E se fosse aquela abóbora? Moral da História, Deus faz todas as coisas respeitando os princípios da natureza.

Quando concluí o quarto ano do curso primário ainda morava na zona rural aproveitando o fato de minha irmã não gostar de trabalhar na roça, e ter ido morar no Instituto Nossa Senhora de Fátima um colégio interno na cidade de Pompéia para continuar seus estudos fui também. Para ser aceita nesse colégio tive que cursar novamente a quarta série em uma escola do Serviço Social da Indústria (SESI) a qual não pertencia ao colégio interno, isso ocorreu porque na época em que fui morar nesse colégio já tinha sido realizado o exame de admissão que consistia em uma avaliação com provas de Língua portuguesa e matemática. Este exame de admissão foi extinto em 1971 cuja duração foi de quarenta anos.

Naquele mesmo ano teve o concurso do Dia da Aves promovido e realizado na escola, o qual poderia participar com um desenho ou com uma redação sobre aves do Brasil. Particpei com redação, ganhei um certificado com a assinatura de Edson Arantes do Nascimento (rei Pelé), muito famoso no mundo por sua participação na conquista das Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970, quando o Brasil tornou-se Tri campeão ganhando a Copa do Mundo realizada no México.



Figura 01

O colégio que ficamos em período integral era de Religiosas Franciscanas e lá cada um tinha uma atividade para realizar, era tudo com horário, íamos á missa no mínimo duas vezes por semana, fazíamos orações coletivas de manhã, quando acordávamos, na hora do café, almoço, jantar e na hora de dormir.

Muitas vezes minha irmã fazia arte ou deixava de realizar alguma tarefa e como as freiras confundiam-me com ela, sempre me envolvia nos seus castigos eu não tinha argumento que convencesse a minha isenção e envolvimento nas bagunças promovidas por ela. Ela era uma adolescente que fugia de suas obrigações ou fazia de qualquer jeito para sobrar tempo para brincadeiras com outras meninas que lá moravam.

No ano seguinte meu pai já estava estabelecido em Campinas e não gostava de seus filhos longe de seu controle, trouxe - nos para continuarmos estudando o que incentivou a volta das minhas irmãs ao ambiente escolar.

### **1.2.2 Ensino Fundamental (Chamado de Ginásio na época)**

Continuando os estudos em Campinas na quinta série na Escola Estadual Bento Quirino, um professor sinalizou que eu poderia ter problema visual e necessitaria usar óculos, minha família muito atenciosa providenciou e exigiu que fizesse uso. Neste mesmo ano tinha no currículo uma matéria chamada Desenho, cujo professor era muito exigente, os traçados dos desenhos tinham que ser perfeitos e sem rasuras, as medidas não podiam ter diferenças tanto que em uma das avaliações ele achou que eu estava colando de um colega e atribuiu-me nota zero, cuja superação exigiu muito esforço, estudei muito mais para recuperar a nota e melhorar em tudo, e por achar muito difícil entender figuras geométricas, sofri muito para vencer esse ano. Acredito que minha visão não contribuía muito para que pudesse apresentar um trabalho perfeito.

Era uma escola técnica e as aulas eram expositivas, os professores usavam livros didáticos, mas às vezes passavam a matéria na lousa e nós a copiávamos no caderno, tinha as explicações e algumas vezes respondíamos questionários e em português fazíamos muitas redações. Nesta escola havia algumas disciplinas específicas na área industrial e doméstica, pois em determinados dias as classes eram separadas em salas específicas com professoras de artes que ensinavam na prática corte e costura e culinária para as meninas, enquanto os meninos aprendiam técnicas industriais (mecânica industrial, desenho industrial e torneiro mecânico), devido à visão tecnicista visando a formação de mão de obra para o trabalho.

Lembro-me que no início da quinta série foi muito difícil para me acostumar porque na rotina diária havia cinco professores diferentes dando aula e cada uma

um assunto quanto no ensino primário tinha uma única professora que dava aula de todas as disciplinas.

Em outubro de 1973 fui trabalhar na produção da Indústria de Chapéus Cury e continuei estudando nesta escola no período noturno. Era muito cansativo porque saía do trabalho e ia direto para a escola, pois não dava tempo de ir para casa e muitos alunos faziam o mesmo. Aproveitávamos o pouco tempo quando chegávamos à escola para fazer as lições de casa e estudar, pois o ensino noturno além de inferior, em termos pedagógicos, nos recebia já condenados pelo cansaço de um dia de trabalho com um contexto de sala de aula distante de nossas vivências e das atividades que exercíamos no trabalho.

### **1.2.3 Ensino Médio (Chamado Ensino Colegial na época)**

Conclui o ensino Colegial como era chamado na época em duas instituições, Escola Estadual Adalberto Nascimento e Colégio Culto à Ciência, dois anos na primeira que estava me causando insatisfação porque os professores faltavam muito e quando tinha aula alguns alunos não colaboravam, desrespeitando os professores com conversas durante suas explicações e o último em uma segunda escola com melhor qualidade de ensino.

Como eu trabalhava durante o dia como faturista de um supermercado, minha intenção era mudar de emprego o que só era possível com estudos, achei que a Escola Estadual Adalberto Nascimento não estava atendendo minhas expectativas, resolvi com alguns amigos ir para o Colégio Culto à Ciência, mesmo sendo este desafiante e mais exigente. Nesse colégio raramente tinha falta de professores e todos exigiam muito dos alunos, propondo trabalho extraclasse, individual ou em grupo. Os alunos que ali estudavam também trabalhavam durante o dia e também queriam progredir na carreira profissional.

### **1.2.4 Rumo a Universidade**

Antes do término do colegial e bem próximo ao final do ano, antecedendo as inscrições para o vestibular, as universidades da cidade abriam suas portas para nos receber, explicando como eram os cursos, quais os requisitos mais importantes de cada profissão, apontavam as profissões que estavam sendo melhor remuneradas, deixando os vestibulandos bem informados.

Muito audaciosa e com o mercado de trabalho bem aquecido nas áreas tecnológicas, ao terminar o colegial achei que poderia prestar vestibular para ciência da computação. Que ingenuidade! Como uma cidadã sem tanta preparação poderia se inserir em um curso com grau de exigência tão elevado? É evidente que fui reprovada. Então, prestei o concurso de vagas remanescentes no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas o qual consegui freqüentar até o final com grande dificuldade, já que ali se encontravam alunas que já estavam lecionando em escolas, bem como aquelas outras que não trabalhavam durante o dia, enquanto eu era funcionária na área financeira de um escritório.

A universidade era particular e na falta de dinheiro tive apoio da minha família e muita economia, meu salário trabalhando em empresa só dava para pagar a mensalidade da escola. Durante o curso de Pedagogia fiquei desempregada meu irmão me ajudou e não permitiu que eu interrompesse, mas logo consegui emprego e tudo foi acertando-se. Usava muito a biblioteca da Universidade porque eu não podia adquirir todos os livros e sempre havia necessidade de leituras adicionais.

Naquela época existiam todas as noites olhares silenciosos que indagavam sobre a minha presença naquele curso já que ainda não existia uma sala de aula na minha vida profissional. Hoje acredito plenamente que o meu caminho profissional começou a ser trilhado naquela sala de aula da Faculdade de Pedagogia.

No curso de Pedagogia as aulas eram expositivas, alguns trabalhos em grupos no mesmo horário de aula com temas pertinentes aos assuntos das aulas e nessa época não faziam uso de nenhum recurso tecnológico.

No terceiro ano do Curso de Pedagogia tive permissão do meu trabalho em uma empresa que tinha a função na área financeira para durante duas manhãs e no sábado a tarde estagiar na escola Estadual Barracão Verde na Vila Padre Anchieta com alunos do quarto ano do ensino fundamental.

Durante a semana eu fazia um diário de bordo das aulas da professora e somente no sábado eu ficava sozinha com os alunos podendo dar aula. De posse das minhas anotações no diário de bordo, revisava as quatro operações matemáticas, preparava textos que eram lidos, fazíamos questões sobre o mesmo texto, procurando fazer uma relação aos assuntos trabalhados pela outra professora da sala.

No quarto ano de faculdade fazendo estágio em outra instituição que era a Escola Técnica Bento Quirino, a professora da sala em que era estagiária pediu para que eu desenvolvesse um projeto com alunos do segundo ano do ensino médio em que buscava discutir as relações entre eles, na família e na comunidade. Estudei o livro *Relações Humanas na Família e no Trabalho* do autor Pierre Weil. Finalizei esse estudo promovendo, em torno das abordagens do autor, um debate com os alunos sobre os resultados do projeto e um questionário elaborado pelos mesmos sobre as relações humanas e as respostas foram dadas através de uma pesquisa permitindo que eles se posicionassem.

Analisando aquele registro pude observar que esses alunos sentiam falta de conversa em suas casas, pois na escola com os professores, alguns demonstraram terem liberdade demais, ou seja, podiam fazer tudo o que queriam, mas não era isso que eles queriam, parecia pedir por limites. Alguns se queixavam muito de pais separados.

Quando estava no meio do último ano do curso fatalmente perdi um dos meus irmãos o que me deixou muito desanimada, porém tive apoio de minhas amigas da universidade, o que não permitiu que eu abandonasse tudo e para oficializar nossa formatura tivemos somente uma celebração ecumênica na Igreja Nossa Senhora das Dores.

### ***1.3 Histórias de atuação Profissional com inclusão de alunos deficientes***

Os alunos deficientes com necessidades especiais entram na vida profissional de um professor muito de uma forma muito rápida o que causa, em um momento inicial, muitas dúvidas devido a falta de conhecimento de como agir nesta situação.

#### **1.3.1 Educação de Jovens e Adultos**

Dois anos depois de formada fui lecionar para jovens e adultos no período noturno da Escola Municipal Raul Pila. Eram adolescentes vindos de outras regiões de pais que não tiveram oportunidade de frequentar e que agora buscavam alfabetizar-se com o objetivo de arrumar um melhor trabalho. Naquela época, um dos maiores sonhos da minha mãe era poder ser alfabetizada, apesar de ela ter sido uma das minhas alunas, não conseguiu mesmo com muita vontade.

Neste período, para alfabetização, usava-se muito o “Método Paulo Freire”, que consiste no uso de palavras chaves das quais os alunos já conhecem o significado. A maioria das palavras eram materiais usados na construção civil, pois se acreditava que as pessoas não alfabetizadas estavam atuando na profissão de pedreiro, assim uma das primeiras palavras era tijolo.

Nesse método não basta somente a aprendizagem e o uso do código escrito, mas também uma tomada de consciência política, ampliando a linguagem e a visão de mundo do aluno fazendo com que o indivíduo deixe de ser alienado e se torne um cidadão. Acreditava que com esta inclusão do indivíduo dentro de contextos cotidianos através de uma educação questionadora haveria futuramente a transformação para uma sociedade mais justa.

Segundo FREIRE a conscientização não era. É um imperativo histórico, é uma exigência humana enquanto necessária à luta pela transformação do mundo e pela verificação das transgressões éticas com a exploração dos seres humanos pelos seres humanos. (2006, p 347)

Muitas vezes eu fugia das regras de um trabalho com sílabas e fazia um levantamento das necessidades de aprendizagens dos alunos, porque nem todos pertenciam à profissão de pedreiro, havendo na classe além destes, empregadas domésticas, senhoras aposentadas, donas de casa e jovens que trabalhavam na zona rural. Diante dessa realidade eu tinha que criar meios de proporcionar uma aula diferente, que possibilitasse a participação e o envolvimento de todos. Com esse objetivo, procurei introduzir receitas de cozinha, fábulas e notícias de jornais.

Um dia ensinando para esses adultos numerais ordinais, um aluno que era porteiro de um prédio perguntou como ele poderia entregar as correspondências se ele sabia só os números.

Fiquei embaraçada e para que o mesmo entendesse foi preciso ajuda de outros alunos que eram pedreiros, os quais apontaram para o desenho de um prédio e mostraram a localização dos apartamentos e seus respectivos números.

Hoje penso nessa maravilhosa interação e troca de conhecimento proporcionado pelos alunos e, também na inserção de outros conteúdos para a solução de um problema real.

Segundo LEITE: O indivíduo letrado vive situações sociais diferentes que demandam usos funcionais diferenciados em seu cotidiano e podem determinar a natureza do seu comportamento. (2005, p.55).

Outro desafio que enfrentei durante esse período foi o ensino de orientação sexual. Para implementá-lo contei com o apoio do Centro de Saúde da região, o qual, com muito empenho, realizou uma palestra que trouxe muitos esclarecimentos para a classe. Um aluno ao questionar sobre o que era ser homem e as implicações desta definição estar atrelada ao uso de drogas, recebeu resposta que foi muito esclarecedora de modo que este teve a oportunidade de se conhecer e até mesmo de evitar um dano em sua vida. Anos depois encontrei esse aluno, o qual me disse o quanto foi importante aquele momento de esclarecimento.

Aproximadamente quatro anos depois fui trabalhar na empresa Schenker do Brasil Transportes Internacionais, nesta empresa havia uma norma que todo funcionário deveria ser exclusivo e não me autorizou a continuidade desse trabalho.

### **1.3.2 Ensino Fundamental**

Através de um concurso público promovido pela Prefeitura Municipal de Campinas e no cargo de professora efetiva retornei à área de Educação em 1992, iniciei o trabalho em sala de aula no período intermediário, que funcionava das 11:00 às 15:00h na Escola Municipal Corrêa de Mello com alunos no primeiro ano do ensino fundamental. Foi muito difícil e mesmo sendo profissional tive que estudar muito, pois na época só se ouvia falar em construtivismo. Penso que tive a sorte de encontrar um grupo de professoras também iniciando e que estavam na mesma situação que eu.

A aplicação do que se fazia do pensamento construtivista na época consistia em uma aceitação de tudo que o aluno produzisse sem que pudesse fazer alguma correção.

Após leituras sobre a teoria construtivista percebi que esta contribuiu para uma melhor compreensão de como a criança constrói a escrita baseada em hipóteses, sendo o professor facilitador do processo, sendo assim o erro passa a ter enfoque educacional.

No primeiro dia de aula fiquei perdida e não sabia o que realmente estava fazendo lá. Iniciei meu trabalho dando continuidade ao que a professora anterior estava trabalhando que era com cada sílaba do alfabeto. Os alunos inicialmente em termos de convivência demonstravam muita resistência, mas depois de algum tempo eles me conheceram melhor e conseguimos nos adaptar.

### **1.3.3 O primeiro sinal da Inclusão de deficientes na minha vida profissional**

No ano seguinte fui transferida para a Escola Municipal Raul Pila no período intermediário, que funcionava das 11:00h às 15:00h e lá encontrei uma pré adolescente cursando o primeiro ano, deparando-me com o primeiro caso de inclusão. A estudante em questão tinha diagnóstico de déficit cognitivo e não recebia acompanhamento de um profissional da Educação Especial porque na Rede Municipal de Ensino dispunha de poucos especialistas na área. Para solução do meu problema recorri à literatura e a experiência de colegas da escola que já haviam trabalhado com a aluna, porém não consegui alfabetizá-la. Embora mais velha que o restante da classe seu comportamento equiparava-se ao dos demais alunos. Ainda com pouca experiência em alfabetização em minhas aulas usava técnicas tradicionais como livro didático, alfabeto e silabação.

Nas minhas aulas trabalhava com o alfabeto letra por letra e cada uma delas havia a formação da família silábica e destas palavras recuperando letras anteriores e textos.

O modelo era tradicional segundo LEITE: A escrita entendida como um simples reflexo da linguagem oral, ou seja, a escrita concebida como uma mera representação da fala; nesta perspectiva, ler e escrever são entendidos como atividades de codificação e decodificação, sendo o processo de alfabetização reduzido ao ensino do código escrito, centrado na mecânica da leitura e da escrita. (2005, p 23).

No final de 1993, casei-me e fui morar em outro bairro e solicitei minha remoção para uma escola mais próxima de minha casa ainda no período intermediário.

## CAPITULO II – INCLUSÃO

Este capítulo vem tratar da inclusão de alunos em classes regulares do ensino fundamental, tem como base este estudo teórico em MANTOAN (2006), CALDART (2001) e OLIVEIRA (2004), no aspecto legal cito a Constituição Federal (1988) e Decreto 3956 (2001), justifico minha prática com alunos deficientes apontando estudos em PIAGET (1972/2000), LUCKESI (2000) e ALMEIDA (1999).

É muito usado o termo integração de alunos referindo-se à inserção dos alunos deficientes em classes regulares ou também grupos de alunos deficientes em classes especiais ou residências para deficientes. A inclusão visa não deixar ninguém no exterior do ensino regular desde o começo da vida escolar, implica uma mudança na perspectiva educacional porque não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos.

A diferença de integração para inclusão é que essa requer mudanças fundamentais nos sistemas comuns da sociedade, de tal modo que todas as pessoas, deficientes ou não, estejam primeiro juntas, incluídas, para então realizar tudo, brincar, estudar, reabilitar, receber cuidados médicos, trabalhar e viajar.

A inclusão de alunos com deficiência esta garantida na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 208 que diz sobre “O dever do estado com educação será efetivado mediante a garantia de: (...) III atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Tem garantia também na Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência celebrada na Guatemala em maio de 1999. O Brasil sendo signatário desse documento aprovou em treze de junho de 2001 através do decreto legislativo 198 e promulgado pelo decreto 3.956 de oito de outubro de 2001 os direitos e garantias fundamentais da pessoa humana.

O atendimento educacional especializado exige que na escola regular tenha instrumentos necessários que venham eliminar barreiras naturais que as pessoas com deficiência têm para relacionar-se com o ambiente externo. Exemplos: Construção de rampas que facilitam o acesso, banheiros adaptados, o ensino da língua brasileira de sinais (Libras) e do código braile, recursos de informática e de

outras ferramentas e linguagem que precisam estar disponíveis nas escolas regulares.

Na concepção inclusiva e na lei, esse atendimento especializado deve estar disponível em todos os níveis de ensino, de preferência na rede regular, desde a educação infantil até a universidade. A escola comum é o ambiente mais adequado para garantir o relacionamento entre os alunos com ou sem deficiência e da mesma idade cronológica, bem como a quebra de qualquer ação discriminatória e todo tipo de interação que possa beneficiar o desenvolvimento cognitivo, social, motor e afetivo dos alunos em geral.

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas – especialmente as de nível básico – , ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam em grande parte do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada. (MANTOAN, 2006, p.40)

Ao ser matriculado um aluno com deficiência em uma classe regular a transformação do processo educacional passa ter a responsabilidade do coletivo da escola e não somente do professor da classe em que o aluno foi matriculado, tornando-se necessário a superação de velhas práticas pedagógicas que desconsideram as diferenças culturais, sociais, étnicas, orgânicas, de gênero ou de qualquer outra ordem nas relações pedagógicas cotidianas, nos levando a uma reflexão das práticas escolares, desde sua estrutura, organização, planejamento, didática, métodos, disciplinas, conteúdos, formas de conhecimento e avaliação.

Essa discussão de algumas práticas pedagógicas alternativas incluirá o atendimento com qualidade as diferenças de todos os alunos e não especificamente às necessidades educacionais especiais.

Isso nos leva a pensar em uma escola, não para atender e incorporar os alunos com necessidades educacionais especiais e, entre eles, os com deficiência, mas uma escola “ projetada pela pedagogia do movimento [...] movimento de pedagogias, movimento de sujeitos humanos” (CALDART, 2001, p.140).

O projeto pedagógico deve atender os diferentes níveis de escolaridade, facilitação do acesso ao currículo de modo que este seja adequado às condições dos alunos respeitando suas individualidades, seu tempo de aprendizagem e seu progresso escolar, havendo necessidade de um contínuo processo de avaliação e

constante planejamento com abertura (ou manutenção) de espaços de conversa para que todos nós possamos refletir coletiva e partilhadamente sobre nossas práticas, dialogando com a situação para questioná-la, promovendo, assim, o inconcluso desenvolvimento profissional e pessoal.

O atendimento nas escolas de alunos com deficiência e as diferenças exigirá da escola transformações de seu cotidiano através do dialogo aprendendo a ouvir os outros e a nós mesmos, nos exercitando a fazer concessões e vivendo intensamente à pluralidade de ideias.

### ***2.1 As experiências reais de Inclusão de dedicientes***

Em 1994 iniciando minha atuação na Escola Municipal de Ensino Fundamental Violeta Dória Lins, em que trabalho até hoje, tive meu primeiro contato com uma aluna com deficiência auditiva. Nossa comunicação era feita através de leitura labial e quando eu não entendia contava com ajuda das outras crianças, que interpretava o que a aluna dizia e esta se sentindo satisfeita confirmava a comunicação dando um sorriso.

No ano seguinte foi matriculado o aluno W com deficiência auditiva, ele usava aparelho e quando não queria me ouvir desligava o aparelho, sabendo que eu deveria falar olhando para ele logo percebia e sorrindo imediatamente ligava o aparelho. W freqüentava a aula em um período e no outro era atendido pela professora de Educação Especial, quinzenalmente tínhamos reuniões para avaliar a aprendizagem de W que freqüentou a escola até a 4ª série e só foi transferido porque foi morar em outro estado.

A escola disponibilizava um consultório dentário para tratamento dos alunos após recebimento de volta dos questionários enviados para os pais, estes questionários deveriam ter as respostas sobre doenças que as crianças tinham. Em um destes questionários fiquei sabendo que o aluno G possuía anemia falciforme, conversando com a mãe fui informada que a doença era hereditária e consistia na presença de hemácias em forma de foice e aconselhou-me caso o aluno sentisse dores no abdômen e nas costas, eu deveria procurá-la para assistência médica imediata.

Um dia esse aluno sentiu-se mal na classe, imediatamente fui a diretoria que muito eficiente encaminhou ao Centro de Saúde do Bairro que prontamente com a informação sobre a doença do aluno fez o primeiro atendimento e logo encaminhou ao serviço especializado do Centro Infantil Boldrini (hospital oncológico de atendimento à criança). Dias depois, em uma visita feita neste hospital ao aluno fui informada pelas enfermeiras que se o aluno não tivesse sido socorrido rapidamente teria falecido na escola.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades... (PIAGET. 1972/2000, p.50).

A cada ano eu tinha um aluno com necessidades especiais diferente, sendo que em um destes anos havia na classe um aluno com Síndrome do X frágil cuja adaptação à escola foi muito difícil. O aluno N não gostava que tocassem nele, mas tinha bom relacionamento com os colegas, pois estava sempre contribuindo com atividades tais como jogos e pouco envolvimento com leitura e escrita.

Certo dia em uma das nossas aulas fizemos uma salada de frutas, como era uma proposta de atividade em equipes na qual teria que ter a contribuição de todos, N todo entusiasmado imediatamente delegou as tarefas para os alunos que compunham o seu grupo, inclusive o registro escrito (receita), e enfatizou que sua participação seria no refeitório lavando as frutas, cortando-as e servindo. Isso evidencia a motivação de N em atividades práticas que não envolviam Leitura e Escrita.

Após a degustação em sala de aula, avaliando a atividade como um todo, os alunos apontaram que ainda não havia até aquele momento saboreado uma salada de fruta tão gostosa quanto aquela e que estariam ensinando a mãe usando a mesma receita e todas as observações da preparação que havia ocorrido no refeitório.



Figura 02



Figura 03



Figura 04

Lembro-me que um dia N chegou à escola com óculos escuros e as crianças discretamente riam dele. Li para a classe o livro *Somos todos Diferentes* de Claudia Werneck. Através de uma atividade com um espelho, todos conseguiram olhar para si apontando e desenhando suas diferenças, após isso, N sentiu-se seguro e nos contou que tinha visto o pai se barbeando e escondido foi imitá-lo raspando até as sobrancelhas, portanto estava envergonhado no dia seguinte conseguiu vir sem os óculos escuros.

Levamos a classe em uma atividade pedagógica no Museu Dinâmico de Ciências, no momento em que estavam realizando uma atividade, N mostrou-se empolgado e sentindo-se a vontade elevou seu tom de voz deixando às monitoras assustadas e numa oportunidade elas nos questionaram se poderia ser um perigo a presença dele. Explicamos que os colegas já haviam integrado com seu comportamento tornando-se natural essa relação, no final N teve oportunidade de demonstrar seu envolvimento colaborando com seu grupo ganhando a competição em uma dinâmica proposta por elas.

Incluir é necessário, primordialmente, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparada para viver a vida em sua plenitude, com liberdade, sem preconceitos, sem barreiras. (MANTOAN, 2006, p 36)

O ex-aluno N atualmente frequenta a clinica-escola no Instituto Ser Campinas; três vezes por semana tem atendimentos pedagógico, psicológico, fonoaudiológico e terapia ocupacional, participa também de atividades esportivas e oficinas de teatro. Em 2009 participou do VI Torneio Ser Desportivo Adaptado realizado em Campinas nas modalidades futsal e basquete. No Oitavo Festival de Dança AMDC realizado no Centro de Convivência Cultural Carlos Gomes em Campinas foi ator da peça *Love, Love, Love*.

Houve uma tentativa de trabalhar com seu pai em uma olaria, mas não deu certo, pois os funcionários não aceitaram sua presença. É funcionário de uma loja de pneus em Campinas trabalhando no horário das 8h às 12h, em uma conversa formal com a mãe ela informou que N realiza as atividades sem que ela tenha que estar acompanhando.



Figura 05



Figura 06

Buscando informações no site do Centro de Psiquiatria Genética sobre a origem desta síndrome descobri que ela é mais frequente no sexo masculino, que é transmitida através do gene FMR-1, que está localizado no cromossomo X cujo diagnóstico é feito por um geneticista.

As crianças com esta síndrome podem ter como características físicas: a face alongada, orelhas aumentadas, céu da boca alto, palato ogival, hipotonia (falta de tônus muscular), hiperextensibilidade articular (podem parecer juntas duplas), leve prognatismo (projeção da mandíbula para frente), macroorquidismo (aumento do tamanho testicular), pés chatos e cabeça com tamanho acima da média.

Seu comportamento pode ser impulsivo e dispersivo, tendo poucos momentos de atenção e uma tendência a serem hiperativos e a receber um diagnóstico com déficit de atenção e hiperatividade. Quando estão muito excitados ou muito estimulados movimentam e mordem as mãos, sacodem os braços e mãos, roem unhas causando muitas vezes calos nas mãos e nos dedos.

Geralmente têm uma reação negativa a toques e barulho sendo que este muitas vezes é tão perturbador que a criança não consegue ouvir o professor se há simplesmente um ventilador ligado.

A fala é demorada além de ser uma linguagem com palavras e frases repetidas com dificuldade do uso quando a proposta é responder questões tipo testes, devido a isso compreendem melhor quando usamos uma linguagem curta e

objetiva. Em situações sociais podem bater no amigo ao invés de chamá-lo para brincar.

Nessa escola foi matriculada uma aluna que não conseguia escrever ou desenhar, porém não sabíamos qual era a sua deficiência. Resolvi trabalhar com ela com material concreto para ensinar-lhe cores, pedi-lhe que agrupasse peças circulares pequenas por cores. Enquanto estava dando atenção a outros alunos ela começou a colocar as peças na boca e tirar, quando vi isso foi o maior susto de minha vida profissional. Na época havia na escola uma professora de Educação Especial muito eficiente que encaminhou a aluna para a Associação Pestalozzi de Campinas para acompanhamento especializado, pois na escola naquele momento não teria muito êxito.

Recebi o aluno D com Hidrocefalia, sentia-se muito inseguro, mas sua mãe muito comprometida estava sempre na escola, pois quando ele sentia dores de cabeça necessitava ser encaminhado ao serviço médico, informada pela mãe que ele usava o procedimento cirúrgico como forma de tratamento a DVP (derivação ventrículo peritoneal), que consiste na inserção de um tubo de silástico dentro do ventrículo passando por debaixo da pele indo desaguar o LRC (líquido céfalo raquidiano) na cavidade abdominal. Essa forma de tratamento necessitava de cuidados especiais com D que estava sempre sujeito as infecções e no caso de entupimento da válvula seria necessária intervenção cirúrgica. Mesmo cuidando para que ele não batesse a cabeça, não era impedido de participar de atividades programadas fora da classe e das aulas de Educação Física.

Na classe, D tinha um bom relacionamento com outros alunos e como seu desenvolvimento psicomotor era comprometido as atividades escolares eram programadas e avaliadas respeitando sua individualidade.

O aluno D continua na escola freqüentando o sexto ano, conversando com professores da sala ele realiza as atividades propostas de acordo com suas capacidades.

Conforme LUCKESI: Avaliar a aprendizagem escolar implica estar disponível para acolher nosso educandos no estado em que estejam, para, a partir daí, poder auxiliá-los em sua trajetória de vida [...] atos de avaliar que, por si, implicam em diagnosticar e negociar permanentemente o melhor caminho para o desenvolvimento, o melhor caminho para a vida. (2000, p 11).

O hidrocéfalo consiste no aumento do líquido céfalo raquidiano intraventricular em consequência do aumento da pressão deste líquido em relação à pressão do cérebro.

Em minha sala de aula foi matriculado um aluno com paralisia cerebral, que, com comprometimento motor, usava cadeira de rodas, não falava, mas escutava e qualquer atividade só podia ser feita com ajuda de alguém, sua concentração era de muito pouco tempo. Respeitando sua individualidade e percebendo que sua deficiência não havia comprometido a área cognitiva, os materiais usados para realização das atividades envolviam letras de madeira móveis e espessas, lápis adaptados que facilitavam seu manuseio.



Figura 07



Figura 08

Com M foi realizado um trabalho individual dentro da classe acompanhado por uma professora que tinha a função de adjunta na escola, quando a professora estava dando aula em outra classe por ausência de alguma professora eu trabalhava com M e a classe em grupo.

Aproximadamente na segunda quinzena de maio a professora de Educação Especial conseguiu uma cadeira de rodas com uma prancheta imantada adaptada a esta possibilitando uma melhor comodidade para M, facilitando também a realização das atividades.

Duas vezes por semana, durante horas em cada dia M tem atendimento na Casa da Criança Paralítica por especialistas na área de fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, psicologia, pedagogia e informática.

## 2.2 Cursos de Formação – formas de aprimoramento do Ensino Inclusivo

No segundo semestre eu fui fazer o curso de Comunicação Alternativa de oitenta horas, proposto pela Secretaria Municipal de Educação realizado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ministrado pela Prof<sup>a</sup>. *Juliana Vechetti Mantovani* com uso do software Boarmaker e apresentação de outros recursos pedagógicos para melhor atender deficientes com comprometimento físico e fala.

Um dos recursos da comunicação alternativa consiste na construção de pranchas com temas e desenhos, com cores padronizadas para adjetivos, substantivos, verbos, pessoas e sociais. O uso pedagógico dessas pranchas é para alunos com comprometimento da fala que podendo apontar as imagens responde sinalizando sim ou não. Através desses dados é possível construir outras pranchas que melhor atenda as necessidades de seu trabalho pedagógico.

### Cores usadas na Comunicação Alternativa



Figura 09

### Prancha Frasal de Comunicação Alternativa



Figura 10

No nosso caso elaboramos pranchas para M usando suas fotos, da turma da sala e da sua família, figuras e materiais de conhecimento dele, essas pranchas eram usadas na classe e permitíamos que ele levasse para casa para socializar com outras pessoas da família. Na sala de informática quando nossa proposta de trabalho era com letras específicas adaptamos ao teclado uma máscara deixando

somente algumas teclas expostas, em outras atividades que envolvia jogos pedagógicos M fazia uso do mouse e nós respeitávamos seu tempo para realização.

Além de freqüentar equoterapia cursa o quinto ano com acompanhamento na classe com a professora de educação especial que procura desenvolver com M as atividades propostas pela professora porque ele não aceita um trabalho diferenciado.

A Paralisia Cerebral afeta os movimentos e a postura e é causada por uma lesão cerebral fixa, não progressiva, que ocorre antes, durante, ou depois do nascimento. O dano cerebral numa Paralisia Cerebral não é reversível produzindo incapacidade física pelo resto da vida.

Na escola tem alunos que não são diagnosticados com nenhuma deficiência, e são excluídos pela sociedade, temos que procurar uma estratégia de trabalho visando atender todos esses alunos.



Foto 11



Foto 12

LEITE em 2005 cita ALMEIDA: Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece com o processo de transmissão/ produção de conhecimento, pode-se afirmar que as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. (1999, p.107).

Além dos alunos com necessidades especiais, minhas preocupações abrangiam a aprendizagem de todas as crianças, de modo que, acompanhando o que se utilizava na época, comprei um mimeógrafo (aparelho que produz cópias com uso de stencil) e comecei a preparar atividades em casa.

Como sempre trabalhei com alfabetização e as crianças chegavam à escola sem conhecer as letras do alfabeto, eu comprava tecido e fazia para cada aluno um saquinho com letras e trabalhava em sala de aula, o qual poderia ser levado para casa, porém alguns deixavam de trazê-lo para a classe. Com esses saquinhos os alunos em classe formavam equipes montavam o nome, faziam lista de frutas, animais e uniam as consoantes com as vogais para aprender o som das sílabas. Na formação de palavras nas listas eram verificadas as letras iniciais, as finais, quantas letras tinham e a silabação.

Percebi que o trabalho seqüenciado com letras, palavras, frases e depois textos não estava acrescentando muito ao nível de alfabetização dos alunos e decidi realizar leituras diárias com a classe, a escolha de um tema às vezes era feita pelos alunos, às vezes por mim. Trabalhava também com textos que são músicas do conhecimento deles, poesias, contos, receitas cartas, fábulas, notícias de jornais, e bilhetes.

Os gêneros textuais trabalhados em classe são lidos, discutidos, reescritos, socializados em outras salas e às vezes com os pais, sempre que possível procuro valorizar o conhecimento que o aluno traz provocando uma reflexão crítica a partir do seu cotidiano e suas vivências visando a problematização e transformação de sua realidade.

Nesta perspectiva pretendo formar alunos leitores, produtores e usuários de textos, essa compreensão da função da leitura e escrita direciona uma proposta de trabalho que visa o conceito de letramento. Kleiman (1995) define letramento como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos, Soares (1998) definiu letramento como o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, ou seja, o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Desenvolvendo projetos de pesquisa em classe percebi que os alunos quando elaboravam problemas que geravam dúvidas e curiosidades, através da investigação buscavam respostas aos problemas levantados e destas o conhecimento.

### CAPITULO III - Participação em projetos desenvolvidos na escola

Neste capítulo serão mostrados os projetos desenvolvidos na escola que foram bem sucedidos e sua contribuição na realização do projeto pedagógico da escola

Quando iniciei meu trabalho na Rede Municipal de Ensino de Campinas na Escola Municipal Correa de Melo, o primeiro projeto de que participei junto com a professora Iara foi o denominado "Horta na Escola", para o qual colaboraram os alunos e a direção da escola, porém no que se refere às informações sobre a confecção da horta e material para prepará-la como exemplo: conseguimos doação de terra adequada de um membro da comunidade que tinha plantação de violetas.

Na execução da horta, Professora Iara e eu conseguimos o envolvimento e a participação de grupos de alunos de quinta a oitava séries que mediram a área do terreno disponibilizado para sua construção, dividiram estabelecendo o número de canteiros, o tamanho de cada um dentro daquele espaço e prepararam a terra. Tomavam decisões do que iríamos plantar e durante o ano responsabilizaram-se em molhar a horta, fazer o replantio e acompanhamento dos alunos de primeira a quarta série explicando a importância da horta na escola e os cuidados que deveríamos ter com as plantas.

Como resultado deste projeto foi o uso das verduras na merenda e ver que muitas crianças não tinham esse hábito alimentar e passaram a ter e solicitar aos pais a inclusão de verduras e legumes no seu cardápio mostrando a eles a importância do consumo deste alimento para a saúde.

Na Escola Municipal Violeta Dória Lins, trabalhei muitos anos no Programa Bibliotecas Escolares, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, cujo objetivo maior era priorizar a leitura na escola e não se constituindo apenas na distribuição semanal de livros aos alunos, compreendia uma programação especial que fazia com que a escola ficasse envolvida. A biblioteca atendia também a comunidade, ex-alunos e outras escolas, elaborávamos gincanas culturais, exposição de trabalhos da comunidade, comunicados de interesse público.

O Programa Bibliotecas Escolares era desenvolvido na escola por uma equipe de professores que atendiam na biblioteca de manhã, à tarde e noite com

informação a comunidade recortando as reportagens de jornal, disponibilizava a coluna de empregos para quem tivesse interesse informava sobre concursos publicados no diário oficial; durante o mês era feita uma pesquisa bibliográfica com alunos de uma determinada série de um escritor famoso ou temas relacionados as data comemorativas este era exposto no mural da escola para que todos pudessem ler.

Na semana que antecedia o dia das mães a biblioteca fazia exposição e vendia os trabalhos manuais confeccionados pelas mães da comunidade.

As gincanas eram culturais com perguntas e respostas de um assunto previamente divulgado, e, recreativas com temas como brincadeiras folclóricas ou brincadeiras que envolvam os pais.

No Programa Bibliotecas Escolares havia uma equipe da Secretaria Municipal de Educação responsável pelo assessoramento quinzenal para todos os professores da qual faziam parte do programa nas escolas, esse trabalho era agendado no início de cada ano e realizado fora da biblioteca da escola.

A programação deste assessoramento estava prevista palestras com escritores, tais como: Pedro Bandeira, Ruth Rocha, Ezequiel Theodoro da Silva, Vagner Costa e Telma Guimarães Castro Andrade; treinamento para novos professores engajados no programa, oficinas de como recuperar livros danificados pelos alunos ou comunidade, socialização entre escolas dos trabalhos realizados e nos finais de ano tinha uma Mostra dos trabalhos realizados durante o ano de todas as escolas que participavam do programa aberta para a comunidade e os alunos.



Figura 13



Figura 14

É um programa que não funciona mais, mas meus alunos não deixam de ler, fiz uma caixa com livros, revista próprios e semanalmente eles levam para casa, além da leitura que costumo fazer diariamente. A leitura é um elemento fundamental do processo de ensino, tem muito valor para os alunos que significará uma

possibilidade de repensar o real, tornando-se um poderoso meio para compreensão e transformação da realidade.

Ler e conhecer são atos indissociáveis, que aumentam o leque de opções e decisões do cidadão. Daí muito provavelmente, a grande dificuldade em disseminar a leitura naquelas sociedades onde se fazem presentes os privilégios de classe e a injustiça social. (SILVA, 1993, p.89)

O Grupo Integrado de Mães e Escola (Gimae) foi um projeto realizado durante um ano na escola, tinha como objetivo proporcionar aos pais informações que ajudariam no seu cotidiano e dar uma contribuição na educação dos filhos, pois a educação é um processo amplo que envolve: a família, comunidade, saúde e a escola.

Sentimos que há necessidade da família, escola e comunidade desenvolva ações conjuntas que constituirão um ponto de chegada e de confluência, fruto de negociações, onde se aposta na responsabilidade de todos.

A responsabilidade e o envolvimento de pessoas em um grupo não acontecem rapidamente, é no dia a dia que são tecidas no coletivo com um fio articulador que, aos poucos, vão se embrenhando no trabalho desenvolvido pela maioria que vem para somar e beneficiar todos.

Eu sempre preparava os convites aos pais e palestrantes com antecedência, verificando quais recursos seriam necessários para o palestrante, qual a disposição da sala e a pauta das palestras que eram realizadas sempre nas primeiras terças feiras do mês e no horário das 7h30m às 9h. No final da palestra era preparado um café para os pais e o palestrante recebia flores.

Foram realizadas durante o ano seis palestras; a primeira, convidamos uma Assistente Social com uma dinâmica de grupo e usando a Constituição Federal relacionando os direitos e deveres da família relacionando com a educação e vida, a segunda veio uma agente do Centro de Saúde do bairro refletiu com os pais sobre a Dengue deixando-os informados com relação aos perigos, os cuidados e a prevenção, a terceira teve a participação de uma psicopedagoga mostrando a família sinalizando os cuidados especiais em relação aos filhos proporcionando um olhar diferenciado para as crianças demonstrando que estas deveriam ser vistas como ser humano, na quarta uma fonoaudióloga informou aos pais a importância

dos cuidados que devemos ter com a audição, sua função na fala e as consequências na aprendizagem, na quinta o tema Afetividade o palestrante além de nos mostrar a importância das nossas emoções e das crianças, massageou nosso ego valorizando-nos como ser humano, a sexta teve a participação de duas pedagogas uma falou sobre Qualidade de Vida resgatando o que há de melhor em termos de alimentação, emoções e a saúde do nosso corpo, a outra ensinou a importância do sono para nós e para as crianças.

Fiz o sétimo encontro com a presença de doze pais foi realizado no final do ano, apresentei um resumo de todas as palestras e solicitei que os mesmos respondessem um questionário que seria a avaliação. No questionário antes das perguntas informei aos pais que para nós a participação deles era muito importante, nosso objetivo era avaliar o trabalho desenvolvido em 2008 e com suas opiniões e sugestões poderíamos melhorar e viabilizar o avanço do grupo.

Os pais que compareceram neste dia avaliaram ótimas as palestras apresentadas, porque os assuntos tratados além de interessantes estavam relacionados com a educação das crianças, as relações com pessoas e saúde. As sugestões dadas para palestras futuras foram: o relacionamento familiar, drogas, saúde, HIV, terceira idade, como administrar o salário, adolescência, como cuidar das crianças e mãe solteira. Ao serem questionados o porquê que poucos pais participaram do grupo, eles apontaram para uma flexibilidade do horário e dia, falta de interesse de alguns pais, e o trabalho que até inviabiliza o convívio familiar.

Nas sugestões dadas para melhorar e ter um crescimento do grupo, os pais apontaram que no início do ano deve-se efetuar uma pesquisa para escolher o melhor horário e dia, conscientização de mais pais e a escola trabalhar com mais novidades para pais e alunos.



Figura 15

## Capítulo IV - Curso de Especialização

Sempre freqüentei cursos de formação promovidos pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas ministrados por profissionais da própria rede e em todas as áreas de conhecimento poucos foram conveniados com universidades da cidade.

Em 2008 tive a oportunidade de iniciar o curso de pós-graduação, que resultou de um convênio entre a Secretaria Municipal de Educação de Campinas e a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. O curso de especialização “A pesquisa e a tecnologia na formação docente” tem muitas exigências e nós, que fomos bastante resistentes e estamos dando continuidade, cremos que nossos alunos estão tendo benefícios com nossa participação.

As aulas do curso de especialização os recursos usados pelos professores e alunos foram o data show em sala, aulas no laboratório de informática, uso de câmeras fotográficas, aulas expositivas pelos professores e alunos. Semanalmente tínhamos capítulos de livros ou até mesmo livros inteiros para serem lidos e apresentados em classe, preparação e aplicação de projetos de pesquisa com alunos para serem apresentados na feira científica proporcionando uma integração entre escolas com troca de experiências significativas para os participantes e envolvidos.

Com a desistência de alunos em 2009 tornou-se necessário a junção das turmas que foi considerado um aspecto positivo, pois tivemos oportunidade de conhecer o trabalho que é desenvolvido por professores que atuam em outras áreas de conhecimento nos ciclos III e IV.

Em 2008 a disciplina “A pesquisa científica como instrumento pedagógico” tinha como exigência a elaboração e aplicação de um projeto de pesquisa usando a metodologia de pesquisa científica, com alunos na sala de aula. Desenvolvemos, eu e uma colega que também participa do curso de especialização, o projeto Conhecendo a Vila Rica, com o tema Bairro e Escola, que tinha como principal objetivo conhecer a história da construção do bairro e da escola a partir de suas culturas existentes, os acontecimentos e as políticas públicas.

Esse projeto de pesquisa fez com que os alunos, do 2<sup>a</sup> ano e do 4<sup>o</sup> ano, se sentissem mais motivados pela escola e pelo bairro e estavam sempre em busca de informações sobre os mesmos. Dentro do bairro desenvolvemos o tema escola, em cuja realização eles queriam saber quantas árvores havia na escola e fizeram pesquisa para saber a resposta, mediram algumas salas de aula e fizeram a comparação de tamanho da nossa em relação às outras salas. Fizemos a descrição do papel de cada um dos que trabalham na escola, desenharam os locais que eles consideravam mais importantes da escola e desses lugares foram feitos postais com seus desenhos.

Postular um ensino baseado na pesquisa é ao meu modo de ver, pedir-nos, como professores que compartilhem com nossos alunos ou estudantes o processo de aprendizagem do saber que não possuímos, deste modo podem obter uma perspectiva crítica da aprendizagem que consideramos nossa (STHENHOUSE, 1996, P 159).

A professora Rita e eu desenvolvemos o projeto de pesquisa com os alunos e no final do ano eles foram apresentar o trabalho na V Feira Científica promovida pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e a Secretaria Municipal de Educação de Campinas. Foi um grande sucesso para nossa escola e os alunos sentiram-se muito importantes porque estavam demonstrando o trabalho de pesquisa que tinham realizado.

Conforme ALEXANDRE: O conhecimento científico gerado pela pesquisa proporciona a atuação crítica na sociedade, ou seja, a apropriação do conhecimento científico pelo aluno, a partir da pesquisa, lhe permite problematizar a realidade, buscar e propor soluções para os problemas encontrados e formulados. (2006, p.1).

O trabalho de pesquisa em 2009 está sendo realizado com histórias em quadrinhos com inserção de valores que deu início por indicação dos alunos na classe no começo do ano quando conversávamos e que gostaria de realizar um trabalho com diversos gêneros textuais como: poesias, fábulas, contos cartas bilhetes, textos de jornais, revistas, ao pronunciar a palavra revista um aluno sugeriu o uso do gibi, porque ele lia e até poderia estar doando o que ele tinha. a classe gostou da ideia e decidimos estudar. Continuando a conversa eles sugeriram que poderíamos estar convidando os alunos do 2<sup>o</sup> ano A para estudar fazendo pesquisa.

Eles perguntaram: O que é pesquisa? Li para os alunos a seguinte definição:

ALEXANDRE 2006 cita GIL "pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos". (2002:17)

Em uma linguagem que eles entendessem completei dizendo que era a busca de respostas para um problema ou pergunta. Na conversa começamos a formular nossas perguntas, Qual a primeira história em quadrinhos no Brasil? O que é histórias em quadrinhos? Quem escreve histórias em quadrinhos? Quais histórias em quadrinhos iriam pesquisar?

Iniciamos com a leitura do artigo do dia 30/01/2009 do Jornal Correio Popular, encarte especial criança que comemora o Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos, definimos em seguida que iríamos pesquisar sobre o autor Mauricio de Sousa e começamos com sua biografia assinalamos onde ele nasceu, seus personagens, como ele iniciou seu trabalho de escrita de histórias em quadrinhos e nesse texto descobrimos que neste ano ele completaria cinquenta anos de profissão.

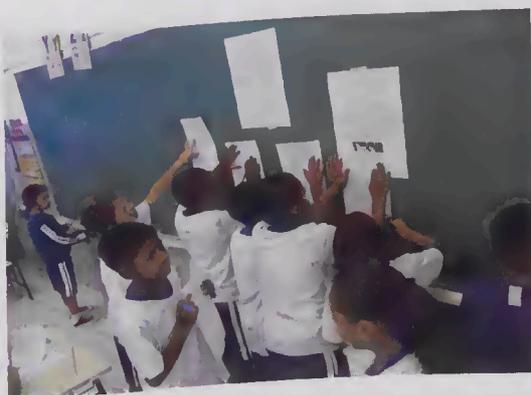


Figura 16

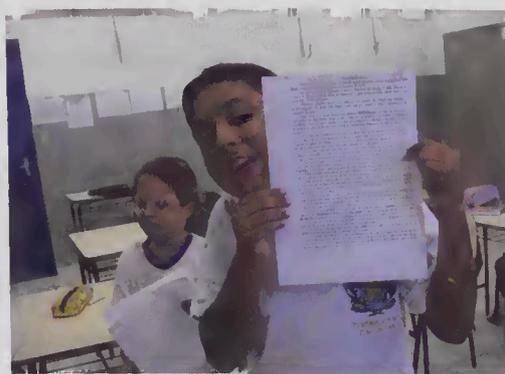


Figura 17

Solicitei para os alunos a realização de uma pesquisa sobre as características dos personagens de Maurício de Sousa em seguida eles resolveram criar seus próprios personagens para fazer as histórias em quadrinhos e através de um processo de eleição decidimos que teríamos quatro: Dezinho, Daniela, Gabi e Leo, em seguida coletivamente fizemos a descrição de cada um como segue:

**Daniela** é uma menina calma, branca, bonita e magra. Cabelos loiros, compridos e lisos. Tem olhos verdes. Ela tem sete anos, está no segundo ano

reside em Campinas no Jardim Campos Elíseos. Na escola usa uniforme, em outros lugares gosta de usar bota preta, blusa verde e saia preta. Quando crescer pretende ser mecânica.

**Gabi** veio do Japão quando tinha dois anos. Tem cabelos pretos, lisos e curtos. Seus olhos são pretos. Ela é magra, bonita, tem nove anos e está no terceiro ano. Gabi gosta de usar vestidos na cor rosa e quando crescer quer ser artista.

**Leo** veio da África quando tinha quatro anos. Ele é negro, gordo seus olhos são pretos e cabelos pretos encaracolados. Ele tem sete anos estuda no segundo ano e quer ser jogador de futebol. Gosta de usar camiseta vermelha e calça cinza.

**Dezinho** veio da região Amazônica quando tinha dois anos. É filho de índio e morava em uma oca na floresta. Ele é magro, muito bonito, tem olhos e cabelos pretos lisos. Quando morava na oca usava roupas indígenas, agora gosta de usar calça jeans e camiseta amarela. Tem sete anos e estuda para ser engenheiro ambiental.

Com a descrição de cada um pesquisamos sobre as profissões, como vivem as crianças na África, no Japão, as crianças indígenas e assim como cada um dos alunos da minha sala de aula. Fizemos uma releitura de como vivemos. Essa discussão enriqueceu minha prática como professora pesquisadora se tornando um momento muito importante pois, com informações dos alunos de suas vivências fora do ambiente escolar obtive um melhor entendimento de algumas questões do cotidiano que interferem na nossa relação em classe, tais como: crianças sem o material escolar em ordem, lições de casa incompletas, ausência de alguns pais em reuniões, falta de alguns alunos nas aulas em conjunto relacionamos possíveis soluções desses problemas enfocando os temas responsabilidade, direitos e deveres.

Nas nossas pesquisas usamos fabulas, poesias, poemas, as tiras das histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, criamos nossas histórias com nossos personagens, realizamos leitura de gibis, estudamos os valores, mas não conseguimos usar a sala de informática na escola junto com os alunos.

No projeto de pesquisa com os nossos objetivos foram:

- Analisar a importância de um trabalho realizado com gêneros textuais na alfabetização priorizando as histórias em quadrinhos.
- Explorar gêneros textuais e as histórias em quadrinhos como uma linguagem diferente de outros gêneros com finalidade de alfabetizar.
- Identificar os gêneros textuais e as histórias em quadrinhos como uma linguagem que facilitará a inserção de valores.
- Tornar-se os gêneros textuais e histórias em quadrinhos uma linguagem que tenha significado.
- Elaborar tiras e histórias em quadrinhos resgatando e enfocando os valores proporcionando um melhor convívio social.
- Estimular um ambiente harmonioso em sala de aula através de vivências a construção de práticas sobre valores.

Alcançamos os objetivos propostos nas Reuniões de Pais e Educadores, eles me questionaram com relação às atitudes dos filhos em casa sentindo-se admirados em ver que agradeciam pela comida feita, pedido de favor quando queria um simples copo de água e uma mãe relatou o incômodo de não conseguir dormir porque ela não conseguia achar o livro que seu filho iria usar na aula seguinte, este estava sentindo-se irresponsável se chegasse à classe sem o mesmo. Essa confirmação é visível quando observo as atitudes das crianças na escola relacionando com os funcionários, com os colegas na classe e outros alunos na escola.

Conseguimos responder as perguntas formuladas e participamos expondo divulgando nossos trabalhos na VI Feira Científica promovida pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas e a Secretaria Municipal de Educação de Campinas que foi avaliada por eles como um espaço de aprendizagem na interação com as pesquisas realizadas por outras escolas.



Figura 18



Figura 19

Nos últimos anos tenho realizado um trabalho em que procuro olhar o aluno individualmente e sempre procurando trazer para sala de aula o que há de melhor e interessante para sua aprendizagem, mas ainda sinto que os recursos tecnológicos oferecidos são limitados.

Em 2009 fomos convidadas para apresentar esse trabalho para uma turma do sétimo período de Pedagogia da Faculdade Metrocamp.

As alunas e a professora ficaram muito motivadas nos questionaram sobre o desenvolvimento de pesquisa com alunos, pois era um trabalho que elas ainda não conheciam e acreditavam ser muito difícil realizar pesquisa com crianças do primeiro e segundo ciclos, assim como, nós antes de frequentar o Curso de Especialização A pesquisa e a tecnologia na formação docente.

A educação está inserida em uma sociedade que as necessidades e os valores não são os mesmos, a configuração familiar aponta para outros caminhos; a escola como uma instância poderosa deve adaptar-se, desvendando esse enigma e proporcionar o que há de melhor a esse educando presente nessa sociedade tão diferenciada.

Como alfabetizadora vejo grandes desafios, mas não cruzo os braços, procuro atualizar-me, embora ainda valorizando alguns conceitos vividos em minha alfabetização tais como: leitura, música, brinquedos, brincadeiras, a alegria e o poder de ensinar.

## Considerações Finais

O estudo demonstrou a importância do professor pesquisador na sua própria prática e sinalizou sobre a importância de estar em constante estudo procurando aplicar em sala de aula com os alunos projetos de pesquisa usando a metodologia científica e de forma interdisciplinar visando a busca de aprendizagem e conhecimento dos alunos, com objetivo de atender os deficientes, excluídos, com dificuldades de aprendizagem e todos que estão na escola.

Quando apontamos para transformações e mudanças na escola, devemos pensar em uma proposta que envolva todo o coletivo humano nela existente, ou seja, toda equipe de trabalho da escola assim como os pais dos alunos. São propostas pedagógicas que atendam os diferentes níveis de escolaridade, avaliação mais direcionada para a aprendizagem de cada um, condições materiais e físicas, políticas públicas e até mesmo o envolvimento da sociedade.

A escola deve viabilizar projetos que envolvam a participação da família no contexto educacional.

Para a escola, a inclusão ainda é um desafio a ser vencido com quebra de barreiras, de uma forma natural sem que seja necessária a imposição, superando as resistências por parte de todos, funcionários e da família, buscando um processo escolar de qualidade e desenvolvimento humano.

Em alguns casos de deficiência a escola deverá promover acordos com outras redes de apoio, através de parcerias com a saúde, assistência social e assessoramento as famílias envolvidas.

Sendo assim, temos um enorme desafio pela frente no que se diz respeito a inclusão, mas através da educação e do empenho de todos os envolvidos é possível um avanço do estágio onde estamos.

## Referências Bibliográficas

**ALEXANDRE**, Maria Thereza, Algumas considerações sobre a pesquisa publicação interna do Leia/FE/ Unicamp Campinas. 2006, p.1

\_\_\_\_\_ (2006) Ciência, tecnologia, metodologia científica e pesquisa publicação interna do Leia/FE/ Unicamp Campinas.. p. 8

**BAKHTIN**, Mikhail. **Os Gêneros do Discurso**, In Estética da Criação Verbal, Martins Fontes, São Paulo. [1953], 1997. p.227, 326.

**FREIRE**, Ana Maria Araújo, **Paulo Freire: Uma História de Vida** . 1. ed. Indaiatuba Villa das Letras 2006. p. 347.

**GERALDI**, Corinta Maria Grisólia; **FIORENTINI**, Dario; **PEREIRA**, Elisabete Monteiro de Aguiar. **Cartografias do trabalho docente: professor(a) pesquisador(a)**. 3. ed Campinas Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil – ALB. 2003. p. 52.

**LEITE**, Sérgio Antônio da Silva. **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. 3. ed Campinas: Komedi. 2005. pp 23 30 55.

\_\_\_\_\_ (2006) **Afetividade** e práticas pedagógicas. 1 ed. São Paulo. Casa do Psicólogo. pp. 29, 30, 92 .

**LIMA**, Elvira de Souza. **Currículo e Desenvolvimento Humano**. In MOREIRA, Antonio Flávio e ARROYO, Miguel, Indagações sobre currículo. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Fundamental. 2006 p.17.

**LOPES**, Maurício Antonio Ribeiro. **Constituição da República Federativa do Brasil** 4. ed. São Paulo Revista dos Tribunais. 1999. p.96.

**MANTOAN**, Maria Teresa Eglér . **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?** 2. .ed São Paulo. Moderna. 2006 pp.36, 40 .

**MARTINS**, Maria Helena. **Questões de Linguagem** 4. ed.. São Paulo. Contexto. 1994 p.31

**MEGID**, Jorge Neto, Metodologia da Pesquisa Científica e Gêneros de Trabalho Científico publicação interna FE/Unicamp, 2001, p 5.

**OLIVEIRA**, Anna Augusta Sampaio. **Formas de Organização Escolar: Desafios na Construção de uma Escola Inclusiva** In OMOTE, Sadao.. (Org.). **Inclusão: intenção e realidade**. Marília. Fundepe, 2004. p. 79.

**PIAGET**, J. **Para onde vai a educação**. 15.ed Rio de Janeiro. José Olympio. 1972/2000. p. 50.

**SANTOS**, Gildenir Carolino; **PASSOS**, Rosemary. **Como elaborar um TCC**. Campinas, SP: Graf. FE, 1999. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br/tcc.html>>. Acesso em: 16 de novembro de 2009.

**SILVA**, Ezequiel Theodoro. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 2. ed. São Paulo Martins Fontes 1993. .p 89.